

INSTITUTO
SANTA CATARINA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS ARARANGUÁ

VALDINA DARÓS DE LUCA

**PERCEPÇÃO DO PRECONCEITO SOCIAL DE ALUNOS DA EJA E PROEJA
EM ARARANGUÁ**

ARARANGUÁ

2010

VALDINA DARÓS DE LUCA

**PERCEPÇÃO DO PRECONCEITO SOCIAL DE ALUNOS DA EJA E PROEJA
EM ARARANGUÁ**

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação Lato Sensu em PROEJA, do Instituto Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos).

Professor Orientador: Suzy Pascoali

ARARANGUÁ

2010

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SANTA CATARINA**

VALDINA DARÓS DE LUCA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Araranguá, 16 de dezembro de 2010.

Aluna: VALDINA DARÓS DE LUCA

Título: Reflexões sobre o preconceito social em relação aos alunos da EJA e PROEJA em Araranguá

Objetivo: Avaliar as formas de preconceito lançadas sobre o ambiente da EJA e sua repercussão no processo ensino aprendizagem.

Área de Concentração: Educação de Jovens e Adultos e o Preconceito

Professora Fabiana Besen, Msc. – IF-SC Campus Araranguá

Professora Cristiane Raquel Woszezenki, Msc. – IF-SC Campus Araranguá

Professora Suzy Pascoali, Dr. – Orientadora

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SANTA CATARINA**

PARECER DE VIABILIDADE

Ao analisar o Trabalho de Conclusão de curso de especialização em PROEJA elaborado pela aluna Valdina Darós De Luca, intitulado REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO SOCIAL EM RELAÇÃO AOS ALUNOS DA EJA E PROEJA EM ARARANGUÁ, constato que o mesmo atende às exigências necessárias para ser encaminhado à banca examinadora.

Araranguá, dezembro de 2010.

Orientadora: Prof^a. Suzy Pascoali, Dra.

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SANTA CATARINA**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO – MONOGRAFIA

Eu, Valdina Darós De Luca, na qualidade de titular dos direitos morais e patrimoniais de autora da OBRA apresentada no IF-SC Campus Araranguá em dezembro de 2010, com base no disposto na Lei Federal N. 9.160, de 19 de fevereiro de 1998:

1 (X) AUTORIZO O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA– IF-SC, a reproduzir, e/ou disponibilizar na rede mundial de computadores – Internet – e permitir a reprodução por meio eletrônico, da OBRA, a partir desta data e até que manifestação em sentido contrário de minha parte determine a cessação desta autorização.

2 () NÃO AUTORIZO o INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA– IF-SC, a reproduzir, e/ou disponibilizar na rede mundial de computadores – Internet, e permitir a reprodução por meio eletrônico, da OBRA.

Araranguá, 16 de dezembro de 2010.

Assinatura do aluno: _____

Ciente do Orientador: _____

DEDICATÓRIA
As pessoas que, de uma maneira
ou de outra, me ajudaram em mais
uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela capacidade que me deu para desenvolver este trabalho.

Ao meu esposo Sérgio, pelo amor, carinho, compreensão e incentivo prestado nesta caminhada.

As minhas filhas Vanessa, Amanda e Natália, pelas horas que não pude estar presente, mas que me compreenderam.

Aos meus pais Vanildo e Claudete, pelo amor e incentivo, minha eterna gratidão.

Aos amigos pelo apoio em seguir mais essa caminhada.

Aos mestres, que me revelaram o caminho e a sabedoria rumo a satisfação dos meus ideais.

Em especial a minha orientadora Suzy Pascoali, que não mediu esforços para que pudéssemos chegar com êxito ao final deste trabalho.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”. (FREIRE)

RESUMO

A educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. O preconceito social na EJA contraria os princípios de inclusão e integração sócio-educacional previstos na legislação vigente. O objetivo deste trabalho é estudar as relações de preconceito na sociedade considerando as pessoas que não tiveram a oportunidade da educação formal, e verificar de forma branda se os alunos oriundos da EJA em Araranguá sentem-se satisfeitos com a educação recebida no ensino médio. A metodologia deste trabalho constituiu em uma revisão bibliográfica, além da aplicação de um questionário. Para avaliar o preconceito que os próprios alunos sentem por terem estudado na EJA. Posteriormente os dados foram compilados por meio de gráficos e comentados. Ao final, pode-se concluir que a maioria dos alunos passaram a idéia de que são ou seriam satisfeitos pessoalmente com o PROEJA, sem demonstrar uma carga muito grande de preconceitos com relação a este assunto.

Palavras-chaves: Educação; Professor, Inclusão, Integração, Preconceito

ABSTRACT

The youth and adult education (EJA) is a method of teaching, law supported and based on people who have not had access for some reason to regular education in the appropriate age. Social prejudice in the EJA contradicts the principles of inclusion and socio-educational integration provided for in current legislation. The aim of this work is to study the relationships of prejudice in society for people who have not had the opportunity of formal education, and verify softly if students from EJA in Araranguá feel satisfied with the education received at school. The methodology of this work was based on review essay, together have applied a questionnaire by the researcher, with the aim to observe the prejudice that the individual suffer because have studied in the EJA. Later data have been compiled by graphics and commented. It was concluded that most students passed the idea that are or would be satisfied to study in PROEJA course, without demonstrating a great weight of prejudices regarding this subject.

Keywords: Education; Teacher, Inclusion, Integration, Prejudice

LISTA DE ABREVIATURAS

CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IF-SC – Instituto Federal de Santa Catarina

LDBEN - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PROEJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos

PROEJA/FIC - Programa de Educação de Jovens e Adultos/Formação Integral e Continuada

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modalidade de ensino / ensino médio regular.....	32
Gráfico 2 - Modalidade de ensino / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.....	33
Gráfico 3 - Sobre onde fez o ensino médio / ensino médio regular.....	34
Gráfico 4 - Sobre onde fez o ensino médio / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.....	34
Gráfico 5 - Satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio / ensino médio regular.....	36
Gráfico 6 - Satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.....	36
Gráfico 7 - Sobre se fala onde cursa o ensino técnico / ensino médio regular.....	38
Gráfico 8 - Sobre se fala onde cursa o ensino técnico / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.....	38
Gráfico 9 - Satisfação pessoal em relação a escola onde cursa o ensino técnico / ensino médio regular.....	39
Gráfico 10 - Satisfação pessoal em relação a escola onde cursa o ensino técnico / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.....	40
Gráfico 11 - Satisfação pessoal se tivesse cursado o ensino médio em escola PROEJA / ensino médio regular.....	41
Gráfico 12 - Satisfação pessoal se tivesse cursado o ensino médio em escola PROEJA / ensino médio EJA/CEJA-SUPLETIVO.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 EJA: ESPAÇO SOCIAL.....	16
2.1 PROEJA: ENCONTRAR A CIDADANIA.....	20
2.2 ESCOLA: INCLUSÃO E AUTONOMIA.....	22
2.3 O ATO DE EDUCAR É UM ATO DE AMOR!.....	24
2.4 PROFESSOR DA EJA: RECONSTRUIR O SABER.....	27
3 METODOLOGIA.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
4.1 MODALIDADE DE ENSINO.....	32
4.2 SE O ALUNO FALA OU NÃO ONDE FEZ O ENSINO MÉDIO.....	33
4.3 SATISFAÇÃO PESSOAL EM RELAÇÃO AO ENSINO MÉDIO.....	35
4.4 SE FALA ONDE FAZ O ENSINO TÉCNICO.....	37
4.5 SATISFAÇÃO PESSOAL EM RELAÇÃO A ESCOLA ONDE CURSA O ENSINO TÉCNICO.....	39
4.6 SE TERIA MAIS SATISFAÇÃO PESSOAL EM CURSAR O ENSINO MÉDIO NO PROEJA.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	47

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade ao Ensino Fundamental e Médio na faixa etária correspondente. Hoje, embora o Brasil ainda tenha aproximadamente 14,2 milhões de pessoas não alfabetizadas (MARTINS, 2010), pode ser percebido que os sistemas de ensino têm oferecido maiores oportunidades educacionais. Sendo assim, essas pessoas que na idade adequada foram privadas, por diversos motivos, dos saberes formais instituídos pela escola, passam a ter seu direito à educação assistida.

Faz-se necessário que a sociedade compreenda que alunos da EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade.

O preconceito social na EJA, direcionado ao discente, ou de forma inconsciente, por ele mesmo alimentado, considerando-se diversos fatores motivadores, como idade e defasagem social, contrariam os princípios de inclusão e integração sócio-educacional previstos na legislação.

A legislação vigente reitera que todos, jovens e adultos, por meio da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, assim como pela constituição de 1988, tem direito ao aprendizado de maneira formal, ou seja, pela escolarização, e também da formação integral para a cidadania.

São realizadas reflexões neste trabalho para melhor compreender sobre um programa desenvolvido pelo governo federal, denominado PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

O PROEJA é um programa que surgiu para proporcionar uma educação profissional integrada a educação geral aos milhões de indivíduos que não tiveram acesso pleno a cidadania, em idade regular, por meio dos bancos escolares.

A falta desta educação formal gera exclusão social refletida diariamente no preconceito sofrido por estas pessoas. O objetivo deste trabalho é estudar estas relações de preconceito na sociedade e verificar de forma branda se os alunos oriundos da EJA em Araranguá sentem-se satisfeitos com a educação recebida no ensino médio.

Assim, com este objetivo de entender melhor o efeito sobre o educando, do preconceito imposto, foi elaborado um questionário para alunos da educação profissional para verificar seu grau de satisfação com o ensino médio e o ensino profissional.

Pretende-se com esse trabalho oferecer novos subsídios aos estudos de aprimoramento da EJA. Posto que tal modalidade de ensino alcança cada vez mais espaços nos sistemas educacionais, carregando, no entanto, fragmentos de práticas preconceituosas que sujeitam os discentes. Ao mesmo tempo em que freqüentam lugares de acesso ao conhecimento e interação social, vivenciam, por eles próprios ou pela comunidade que os cerca, um espaço de treinamento social, com sérios riscos ao alcance dos objetivos da EJA. Visto que se for considerado que o processo ensino-aprendizagem sofre comprometimento no espaço em que não atuam plenamente os agentes nele inseridos.

2 EJA: ESPAÇO SOCIAL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, assim como a Constituição de 1988, garante, aos jovens e adultos o direito ao aprendizado. Não somente no âmbito da escolarização, mas também da formação integral para a cidadania. Processo este que objetiva oferecer aos indivíduos capacidade de aquisição de seu espaço social, discernimento, autoconhecimento e consciência de si no meio em que vivem ajudando-os a desenvolverem-se como pessoas e como agentes de transformação social.

A oferta de sistemas que possibilitem o provimento deste direito, bem como da gratuidade desta modalidade de ensino, descortina garantias imprescindíveis para o acesso, permanência e êxito na EJA. Estes pressupostos ajudam a repor um espaço social do qual, camadas sociais inteiras foram excluídas, o que reforça a intenção da própria legislação de que a EJA tem um papel de relevância social que vai muito além da alfabetização.

No entanto, ainda que a EJA esteja sob a mira de tais análises críticas a respeito de suas expectativas, fazendo emergir novos olhares sobre esta modalidade de ensino. Sabe-se que há um problema iminente a ser enfrentado, o qual se configura como um fator importante a ser considerado, enquanto desafio bastante exigente na busca dos objetivos. Trata-se do preconceito, formado aqui por uma mentalidade que concorre para a diminuição do potencial de abrangência e resultados da EJA.

Mas onde está o nascedouro de tal mentalidade? Estaria na própria intenção de fazê-la ser inclusiva? Para se aproximar de uma resposta, é

necessário saber a que camada social se destinou, historicamente, o ensino da EJA.

Segundo os Referenciais Curriculares da Educação Básica (2003, p.11), pode ser visto que “(...) Os alunos que demandam à EJA são “sujeitos sociais e culturais marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais. São privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura”.

Isto é reforçado por Paiva, (1973, p.16) quando avalia que “tal modalidade é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

Estas considerações reforçam a análise crítica de que a EJA vem, ao longo do tempo, cumprindo um papel de atendimento com destino certo: atingir as camadas excluídas do ensino “regular”.

Em Haddad e Di Pierro, no artigo “Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos, São Paulo, (2000)”, tem-se um indicativo de um fator de exclusão:

“(...) Dentre os fatores de produção social do analfabetismo mediados pelo sistema escolar, devem ser considerados primeiramente o acesso e a permanência na escola durante a infância e adolescência que, ainda hoje, não estão assegurados a parcelas expressivas da população. E ainda, que “(...)

Outro fator de exclusão educacional são os elevados índices de reprovação, evasão e reingresso no sistema escolar, que resultam em acentuada defasagem na relação idade/série ideal”.

Estas considerações revelam a carga de preconceito que deu suporte a um ambiente de discriminação em relação à EJA. Para tanto, basta observar que os próprios alunos da EJA percebem-se num grupo especial, que tem retrospecto

de tratamento e metodologia diferenciados, formando uma mentalidade que ajuda a reforçar a carga de preconceito às voltas de tal modalidade.

Esta análise ganha importância nas práticas, ações e posturas que recobrem o ambiente da EJA, onde não poucas vezes alimenta-se a idéia de que, “a partir de certa idade já é tarde para se estudar”.

Haddad (2000), acerca dos fatores que determinam a falta de acesso ao ensino, diz que:

“(…) A renda familiar é a característica social que apresenta relação mais intensa com a discriminação no acesso à alfabetização no Brasil, sobredeterminando as diferenças observadas entre os grupos etários e as populações rurais e urbanas das diferentes regiões do País”.

O fato é que, como registra o texto ‘Direitos constitucionais e outros marcos legais, Haddad (2000)’, “(…) pela primeira vez na história brasileira, um Artigo Constitucional, neste caso o de número 208 da Constituição de outubro de 1988, conferiu à população jovem e adulta o direito à educação fundamental”.

Responsabilizou os poderes públicos pela oferta universal e gratuita desse nível de ensino, àqueles que a ele não tiveram acesso e progressão na infância e adolescência. E ainda, no texto original, o Art. 50 das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, que:

“(…) conferia, então, um prazo de dez anos para a universalização do ensino fundamental e a erradicação do analfabetismo, período em que as três esferas de governo ficavam obrigadas a dedicar a esses objetivos 50% dos recursos públicos vinculados à educação”.

É, portanto, bastante visível na legislação a garantia de oferta da educação aos jovens e adultos, que por outro lado, padece de uma visibilidade outra, que não aquela tão limitada à oferta de um resgate de alfabetização, tão enraizado no meio social e, não menos, também no meio educacional.

Há que se considerar que vencer o preconceito existente sobre a EJA não será tarefa fácil, visto ter sido semeada há muitos anos a idéia de que EJA é

remediadora de parcela marginalizada da sociedade. Segundo Haddad (2006), citado por Pollyana Fernandes de Macedo em seu artigo 'Um olhar sobre a EJA', "(...) O Mobral chegou com a promessa de acabar em dez anos com o analfabetismo, identificado como uma vergonha nacional".

Ocorre que a EJA, em sua concepção e pressupostos, ainda não foi assimilada e nem assumida pela estrutura e sistema de ensino em âmbito local e estadual como deveria.

Embora se saiba que a legislação vigente assegure a universalidade da educação enquanto direito, as políticas públicas em curso tendem a lançar sobre a EJA o atendimento na forma de programas assistenciais que visam minimizar as conseqüências da exclusão social.

E não haverá uma mudança de rumo previsível se não forem desconstruídas as formas e processos adotados até aqui. Segundo Macedo (2006):

"(...) É preciso romper com a idéia de educação compensatória que prevaleceu por muitos anos na EJA. Deve-se deixar de restringir à compensação da educação básica, não adquirida no passado, para responder às múltiplas necessidades formativas que os indivíduos têm no presente e terão no futuro".

Embora haja ainda, muito preconceito em relação à EJA é inegável o benefício que essa modalidade de ensino tem prestado às pessoas que não puderam estudar na época apropriada. Mais do que isto, espera-se, com a conscientização, verticalização dos debates e mudança de práticas em torno da EJA, a superação da crise existente no que se espera ser uma modalidade de ensino que integre e articule experiências humanas na construção de uma sociedade pluralizada, mais justa e inclusiva por meio da educação.

2.1 PROEJA: ENCONTRAR A CIDADANIA

A história mostra que os analfabetos eram proibidos de exercer o direito de votar por não pertencerem ao mundo das letras, por serem vistos como incapazes de exercer sua cidadania. Conseqüentemente, não participavam de decisões importantes para a construção da história de seu próprio país. Como escreve sobre a discriminação, Paulo Freire, no livro: *Pedagogia da autonomia*.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigas. Saber que devo respeito à autonomia e a identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.”
(FREIRE, 1996)

Para mudar esta realidade de discriminação, foi desenvolvido pelo governo federal o PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Esse projeto teve início com o Decreto n 5.478 de 24 de junho de 2005, chamado, na época, de Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. A partir de várias discussões com autores envolvidos na oferta de educação profissional, educação de jovens e adultos e educação básica, surgiu a necessidade de alteração em suas diretrizes.

Desta forma, em 13 de julho de 2006, é promulgado o Decreto nº 5.840, que revoga o anterior e passa a denominar o PROEJA como Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Os recursos que podem ser oferecidos no âmbito do PROEJA são os seguintes:

- Educação profissional técnica de nível médio com ensino médio, destinado a quem já concluiu o ensino fundamental e ainda não possui o ensino médio e pretende concluir o título de técnico.
- Formação inicial e continuada com o ensino médio, destinado a quem já concluiu o ensino fundamental e ainda não possui o ensino médio e pretende adquirir uma formação profissional mais rápida.
- Formação inicial e continuada com ensino fundamental (5ª a 8ª), para aqueles que já concluíram a primeira fase do ensino fundamental.

Os cursos podem ser oferecidos de forma integrada ou concomitante. A forma integrada é aquela em que o estudante tem matrícula única e o curso possui currículo único. Ou seja, a formação profissional e a formação geral são unificadas. Na forma concomitante, o curso é oferecido em instituições distintas. Isto é, em uma escola o estudante terá aulas dos componentes da educação profissional e em outra do ensino médio ou do ensino fundamental conforme o caso. A idade mínima para acessar os cursos do PROEJA é de 18 anos na data da matrícula e não há limite máximo.

Como visto, o PROEJA é um programa que surgiu para reparar dívidas registradas na história de tanto indivíduos vítimas de uma sociedade excludente, injusta e desigual. É, pois, imprescindível que eles compreendam a escola como espaço acolhedor, onde possam socializar suas vivências e experiências, percebendo-se como sujeitos de capacidades e valores e como contribuidores para a transformação da realidade social. Como Gevaerd fala sobre os primeiros dias de aula do aluno Sidnei Dias de Oliveira no livro PROEJA – O Aluno:

“Os primeiros dias de aula foram como todos os primeiros dias de aula, com exceção da fala dos professores: que avaliariam não só conhecimento adquirido, mas, e principalmente, a participação, o envolvimento do aluno, a frequência, a força de vontade, enfim, aquilo que nos faz diferentes.”
(GEVAERD, 2009)

2.2 ESCOLA: INCLUSÃO E AUTONOMIA

Aprender torna-se algo prazeroso à medida que também exige de nós esforço e superação. Não se chega à meta almejada sem percorrer o caminho que leva até ela. Se não for assim, e tudo for muito fácil, não emana satisfação.

Um dos desafios para o professor da EJA e do PROEJA é fazer uma ponte entre vivências dos educandos e saberes escolares. Essa ligação permite que novos conhecimentos frutifiquem e que o sujeito educador renasça com uma nova postura e um novo modo de atribuir sentido para suas aprendizagens.

Falar em educação de jovens é relembrar que esse é um tipo de educação voltada para homens e mulheres que chegam à escola com ricas experiências de vida. Seus vários saberes em momento algum devem ser desprezados, pois compõem suas identidades. Já dizia Freire quando fazia referência à dignidade dos educandos:

“Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, a sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições que eles vêm, existindo, se não se conhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido a dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.” (FREIRE, 1996)

Sabe-se que, a atividade educacional deve ser uma atividade de preparação do cidadão para a vida social e sua transformação. A escola, em hipótese nenhuma, pode isentar-se de sua mais importante função: social, política e cultural, preparando indivíduos capazes, que tenham uma visão de mundo com consciência crítica, para que possam agir e mudar esta mesma, sociedade.

Ensinar não é transmitir conhecimentos. O educador não tem o vírus da sabedoria. Ele orienta a aprendizagem, ajuda a formular conceitos, a despertar as

potencialidades inatas dos indivíduos para que se forme um consenso em torno de verdade e eles próprios encontrem as suas opções. Gevaerd escreve com muita propriedade, no livro PROEJA – O Aluno, sobre o retorno a sala de aula do aluno Sidnei Dias de Oliveira:

“Depois que voltei à sala de aula, as portas foram se abrindo, as oportunidades foram surgindo e eu as fui agarrando com toda minha força. Agora, mais consciente e responsável, com maior clareza e precisão, me apeguei aos livros de Eletrônica, me tornei autodidata, comecei a navegar na internet, em busca de mais conhecimento na minha área de trabalho, e as coisas melhoraram dia após dia.” (GEVAERD, 2009)

A motivação para a aprendizagem deve acontecer naturalmente, onde o educando, consciente de que a vida é dinâmica e não estática e que o objetivo da existência é o desenvolvimento, seja capaz de querer desenvolver-se em todos os aspectos. Desta forma, o educando, motivado, ultrapassa todos os obstáculos para alcançar seus objetivos. Tudo o que ele faz, faz bem feito porque realmente sente prazer em lutar por aquilo que quer.

No processo de ensino-aprendizagem, os educadores não podem ser "cobradores" de inteligências, e para isso se faz necessário que estejam antenados com a realidade dos alunos para fazer a diferença, inovando, a cada dia, a prática pedagógica. Assim como diz Frei Betto em entrevista ao repórter Ricardo Kotscho, no livro Essa escola chamada vida:

"É fundamental respeitar o princípio de que o processo educativo é um processo coletivo, no qual o educador tem uma parcela de trabalho que é criar os mecanismos pedagógicos de expressão e explicitação das lutas, das dúvidas, das incertezas, da palavra dos educadores." (FREIRE; BETTO, 1991)

Para que os professores sejam inovadores e façam a diferença, seja na

sala de aula, seja na vida, precisam, no papel de educadores, desenvolver ainda mais a capacidade de escutar, de aprender e de ser curiosos para pesquisar não apenas em sua área, mas também em outras. Precisa conhecer, respeitar e viver a cultura dos alunos, sem compará-lo com a sua própria, tornando-se verdadeiros artistas, usando suas qualidades pessoais para ilustrar e motivá-los nas aulas. Os professores precisam permitir-se serem criativos e espontâneos e valorizar tais qualidades nos alunos. Pois, com toda certeza, sabe-se que na EJA são muitos os alunos com experiências diversas para enriquecer o dia-a-dia em sala de aula.

"A relação fundamental da atividade educativa é aquela que transparece no interior da escola entre o educador que educa e o aluno que é educado e as experiências com o mundo que ambos são capazes de expressar."
(RODRIGUES, 1987)

De fato, a atividade educacional deve ser uma atividade de preparação do cidadão para a vida social e sua transformação. A escola, em hipótese nenhuma, pode isentar-se da sua mais importante função: social, política e cultural, preparando indivíduos capazes, que tenham uma visão de mundo com consciência crítica, para que possam agir e mudar esta mesma, sociedade. Certamente, a educação deve estar voltada para a autonomia, a ética, para a valorização da diversidade cultural, para a busca da identidade.

2.3 O ATO DE EDUCAR É UM ATO DE AMOR!

Ser educador hoje em dia é muito diferente do que foi há 20 anos, quando não havia a revolução tecnológica e de informação da atualidade. Por isso, percebe-se a necessidade de oferecer aos alunos interações mais reais e criativas, vitais para uma nova escola, a qual tenha a cara do mundo em que vivemos e não a cara de uma prisão.

Neste sentido, trabalhar com alunos da EJA, uma educação popular, é contribuir para que esta mesma educação seja eficaz e transformadora na vida desses alunos. Sendo assim, podemos lembrar o que Paulo Freire já dizia sobre o verdadeiro sentido da escola para o povo que nela estuda:

“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história.”
(FREIRE, 2001)

Assim como em outros tempos, atualmente convive-se com práticas pedagógicas que são, muitas vezes, muito mais modismos do que exercícios de reflexão para a compreensão e ação no sentido de mudar contextos sociais, numa perspectiva de se construir uma sociedade justa.

É comum, portanto, a constatação em espaços escolares, falas e práticas pedagógicas que se apresentam como solução para todos os problemas. No entanto, ao se fazer uma análise mais precisa sobre as mesmas, se verifica que, na maioria das vezes, trata-se de soluções mágicas. São simpáticas e atraentes, mas no fundo são eivadas de velhos problemas e propósitos duvidosos para quem deseja de fato construir uma nova sociedade, uma sociedade que quer incluir a todos e a todas para uma vida digna.

Sabe-se que todos os atos cometidos em nossas vidas deve ser um ato de amor para com todos que estão em nossa volta. E partindo desde princípio, com toda certeza, o ato de educar é um ato de amor, pois é só com amor que os educadores conseguem alcançar os objetivos, que é educar para que seja um cidadão que possa enfrentar o mundo de cabeça erguida.

Quando se fala em autonomia da escola pública e da democratização do ensino, se fala de uma maior participação da comunidade escolar como um todo. Já dizia Paulo Freire, não é só saber ler e escrever que conduz a autonomia plena, se faz necessário compreender o mundo em que se vive de uma forma

mais ampla e significativa poderemos fazer parte da nossa sociedade de uma maneira mais inteira e completa.

Sem educação, a desigualdade social é um problema pouco provável de ser minimizado ou até mesmo erradicado. A EJA oferece novas oportunidades, possibilitando aos jovens e adultos uma efetiva participação em atividades sociais, econômicas e políticas, permitindo-lhes tornarem-se mais conscientes do seu poder de transformação social. Falar em transformação social é lembrar Paulo Freire quando escreve sobre compreender a realidade:

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um fundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.” (FREIRE, 1983)

O aluno da EJA apresenta níveis e ritmos de aprendizagem peculiares, bem como experiências, crenças e valores organizados ao longo de sua vida. Essas particularidades devem ser respeitadas a fim de garantir uma melhor qualidade no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando um maior tempo de permanência na escola. Não bastam políticas públicas de inclusão, precisa-se de muito mais que isso: despertar nos jovens e adultos o gosto pelo ato de aprender.

O educador deve ser aquele que estabelece uma relação de afetividade com o aluno, que busca mobilizar a energia interna do mesmo. Se o clima de calor humano, desenvolvido pelo professor, é percebido no processo de interação, passando a imagem de pessoa digna de confiança, amistosa, é provável que os estudantes se esforcem para corresponder as suas expectativas. Comentários do tipo “você não aprende mesmo!” ou “você não quer nada, não tem jeito!” danificam a auto estima do aluno e reforçam o sentimento de incompetência. Assim Rodrigues escreve sobre a formação do aluno capaz de estabelecer relações:

“Se o exercício da cidadania se coloca como papel primordial para a educação escolar, deve-se entender que a liberdade compreende a formação do homem social, participativo, responsável, político e produtivo. É a formação do homem capaz de estabelecer para além

do seu individualismo e do seu egoísmo, e que compreende que seu conhecimento técnico, profissional e intelectual só tem valor se socialmente necessário. Se assim não for, esse conhecimento de nada vale, a não ser para deleite de pessoas e grupos que se postam a cultivar suas inteligências e competências entre si.” (RODRIGUES, 1987)

Tendo em vista que a atividade acadêmica se realiza de forma coletiva e em um contexto social, o professor deve criar um “ambiente motivador”. Isto significa desenvolver em sala de aula situações de aprendizagem em que o aluno tenha papel ativo na construção do conhecimento. Usando adequadamente os recursos didáticos, a avaliação formativa, as estratégias de ensino e o conteúdo, proporcionando atividades desafiadoras. Entretanto o professor é, por excelência, o principal agente motivador. Precisa estar motivado, ter compromisso pessoal com a educação, demonstrar dedicação, entusiasmo, amor e prazer do que faz.

2.4 PROFESSOR DA EJA: RECONSTRUIR O SABER

A reconstrução do saber, no horizonte da pós-modernidade, constitui-se num grande desafio, uma vez que este saber sempre esteve pronto e determinado dentro de uma “grade curricular”, inquestionável e inflexível, devendo ser cumprida fielmente por todos.

Sem uma formação adequada do professor, nada muda. Aqui reside o ponto crucial de todo processo: sem uma forma consciente, o educador não consegue conduzir com êxito o processo educativo de uma escola cidadã. Sobre essa formação Rodrigues, escreve muito claramente:

“Uma nova política educacional, fundada no princípio da participação social, pode conduzir à construção de uma nova sociedade democrática. Essa nova política deve se apoiar na democratização das relações de poder e das decisões relativas aquilo que deve merecer

prioridade social, correspondendo, assim, à ação do Estado e de seus agentes. Isso exige uma revisão do papel e da função da educação e dos diversos agentes que organizam o sistema educacional.” (RODRIGUES, 1987)

A educação está inserida em um contexto social, político e econômico. Por isso o professor não pode estar alienado dos acontecimentos do seu tempo. Sendo esta, a importância da formação ética e política no processo de conscientização das novas gerações, com relação aos problemas a serem enfrentados.

Além disso, a formação política permite uma melhor compreensão sobre o que é relevante ensinar e como fazê-lo. Convém que o professor da EJA se posicione diante das situações lutando contra a submissão política, a alienação, as exclusões, e as diversas formas de preconceito.

Muitos dos jovens e adultos que hoje freqüentam a EJA tiveram que trabalhar na infância, em vez de estudar. Devido ao baixo grau de escolaridade, tiveram que se submeter a subempregos, com baixos salários e difíceis condições de trabalho. Diante disso, esses jovens e adultos procuram a escola visando a uma maior qualificação profissional, exigida pelo mercado de trabalho. O trabalho, motivo que os levou a não freqüentar a escola quando criança, acaba se tornando o principal motivo que os leva a querer freqüentá-la na idade adulta.

Parte dos alunos da EJA - agricultores, pedreiros, auxiliares de serviços, vendedores, empregadas domésticas, babás, entre outros - trabalham durante o dia e estudam a noite. Devido a intensa jornada de trabalho, o cansaço pode ser um agravante para o fracasso ou evasão escolar.

Nesse sentido, há uma maior exigência no que se refere ao comprometimento do professor no planejamento da aula. Por isso é importante que as atividades sejam significativas e estejam direcionadas para as necessidades dos alunos. Rodrigues coloca com muita propriedade sobre como preparar nossos alunos para a cidadania através de atividades educacionais significativas.

“A atividade educacional é uma atividade de preparação do cidadão para a vida da cidadania. O cidadão é aquele indivíduo que se insere na vida social e, ao fazê-lo, aprende a cultura existentes nas relações sociais onde ele vive. É aquele que, ao ser orientado no domínio das conquistas da civilização, se torna capaz de compreender a realidade histórica e social ao seu redor e de dominar as forças que lhe bloqueiam o acesso ao progresso social e cultural.” (RODRIGUES, 1987)

O significado do conteúdo e da disciplina varia de acordo com as metas e os objetivos de vida de cada um. Caso não se perceba a utilidade, o interesse e o esforço tendem a diminuir à medida que o aluno se pergunta que serventia tem aquilo que o professor lhe ensina. Colocar problema ou interrogações, despertar a curiosidade dos alunos, mostrando a relevância que pode ter para os mesmos a realização da tarefa, é essencial.

É imperativo que o professor da EJA conheça o aluno e sua história de vida. Assim, o educador poderá ficar próximo dele, saber seus interesses e sonhos para, a partir disto, preparar aulas atrativas e significativas que atenderão as necessidades e aos interesses das turmas.

O prazer de aprender, dizia Paulo Freire, é prazer de descobrir, de construir e não de copiar. É o prazer de conhecer para intervir no mundo e transformá-lo.

A qualidade das relações que se estabelecem no interior da sala de aula tem implicações na motivação do aluno. As pessoas procuram sentir-se aceitas pelos outros. Podemos chamar isso de motivação de filiação, ou seja, a necessidade que a pessoa tem de se sentir aceita e valorizada.

3 METODOLOGIA

Uma vez que a revisão da literatura é importante no trabalho, esta foi realizada com a leitura, análise e interpretação de livros, sites, leis, revistas etc., para se obter um melhor entendimento sobre o tema proposto. As anotações e fichamentos elaborados permitiram uma melhor organização do trabalho, para que este seja delineado.

Após a revisão da literatura, foi realizada uma pesquisa de campo, que teve a finalidade de identificar informações a partir de questionário com perguntas fechadas (Apêndice A), aplicado a 28 alunos do 3º módulo do técnico em Eletromecânica dos turnos vespertino e noturno, do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Araranguá.

O questionário foi elaborado com perguntas fechadas, com o intuito de diagnosticar qualitativa e quantitativamente os resultados da pesquisa.

Os questionários foram aplicados pela pesquisadora durante o segundo semestre de 2010 e tinha por finalidade avaliar as hipóteses do presente estudo, ou seja, analisar o preconceito que os próprios alunos têm por terem estudado na EJA. Os dados são apresentados através de gráficos e comentados.

Para melhor compreensão da enquête, foi realizada uma breve entrevista em forma de depoimento de um aluno, um professor e uma pessoa do núcleo pedagógico do CEJA Araranguá.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola onde foi feita a enquête foi o IF-SC campus Araranguá em araranguá desde 2008. Com mais de 600 alunos em cursos FIC, Técnico concomitante pós-médio, Licenciatura em Física, e Especialização em PROEJA. Com uma infra-estrutura construída e uma pedagogia voltada para que a maioria das aulas sejam práticas e de ensino significativo.

Vale ressaltar, que os alunos pesquisados são de turmas mistas constituídas de alunos oriundos do ensino médio regular ou EJA, para se perceber se estes alunos tinham ou não satisfação pessoal sobre o ensino médio que receberam.

Como dito na metodologia, algumas respostas encontradas são peculiares e diferentes do que a literatura sugere sobre o assunto. Deste modo, foi necessária uma entrevista a um aluno, uma professora e um membro do Núcleo pedagógico do CEJA, para se compreender esta peculiaridade apresentada.

A escola onde foi realizada a entrevistas foi o CEJA Araranguá. Este possui mais três unidades descentralizadas: Passo de Torres, Arroio do Silva, Maracajá e o núcleo avançado de Sombrio, dentre outros. Há na região 41 tele-salas, totalizando mais de oitocentos alunos.

No centro educacional do centro e nas unidades descentralizadas, as aulas são presenciais, ministradas para turma de 16 alunos, que cursam dois módulos de disciplina por vez. São duas aulas por semana, normalmente terça e quinta, ou segunda e quarta.

Nas tele-salas, os professores exercem papel diferente, estão presentes, mas as aulas são pela TV (aulas do telecurso 2000), os professores são mais tutores do aprendizado. Os encontros na tela-sala são diários, até o fim do bloco.

São ministrados cursos de alfabetização, nivelamento, fundamental e médio. O curso de ensino fundamental deve ser realizado no tempo médio de um ano, o médio em dois anos.

A maioria dos estudantes cursa o período noturno, mas são também ofertadas aulas no período vespertino e matutino, não havendo aula nas sextas. A seguir serão apresentadas, em forma de gráficos, e comentadas, as respostas obtidas por meio do questionário aplicado ao grupo de alunos (Pascoali, 2010).

4.1 MODALIDADE DE ENSINO

Por meio do questionário aplicado, observou-se qual a modalidade de ensino médio o grupo de alunos pesquisados frequentou, tanto ensino regular (Gráfico 1), quanto no EJA/CEJA/SUPLETIVO (Gráfico 2).

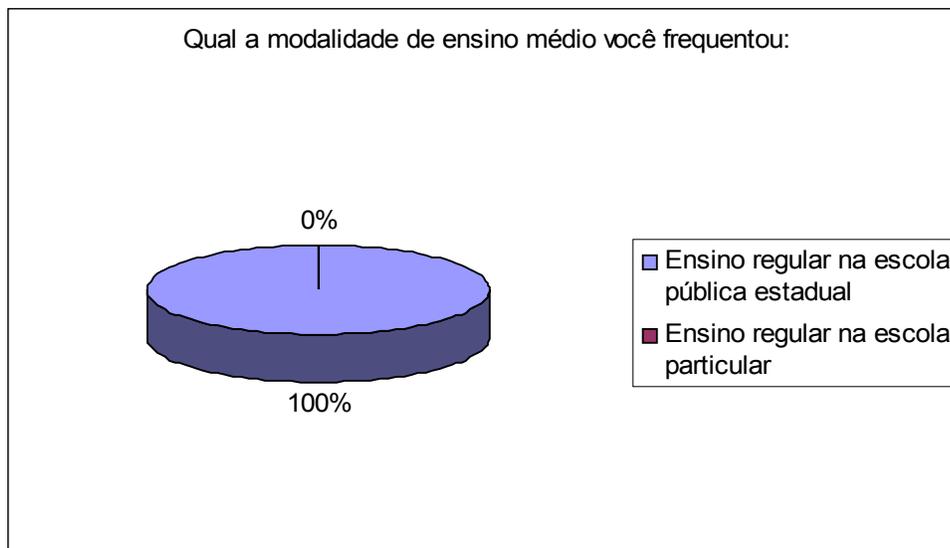


Gráfico 1 - Modalidade de ensino / ensino médio regular.

Fonte: Elaborado pela autora.

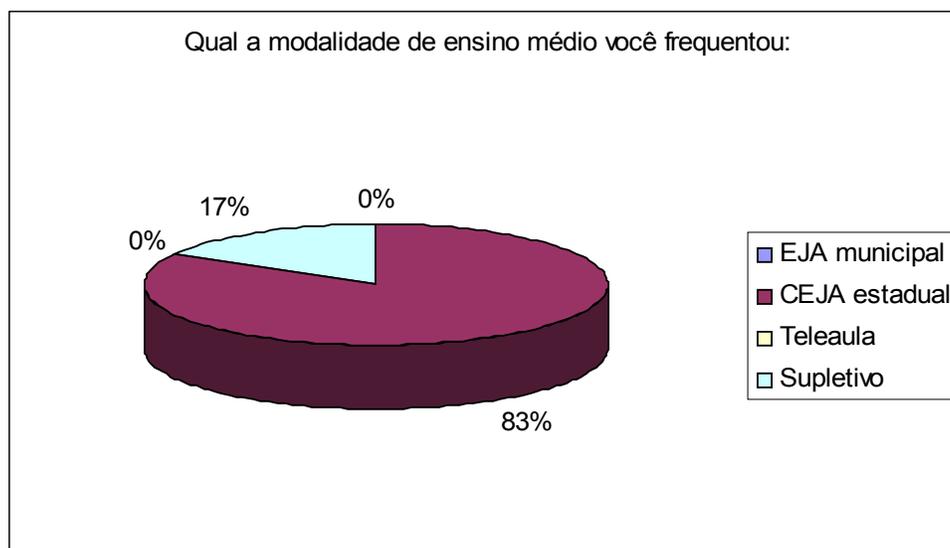


Gráfico 2 - Modalidade de ensino / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.
 Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a modalidade de ensino dos dois regimes pesquisados, freqüentado pelos alunos do ensino regular, percebe-se que 100% cursaram o ensino médio na escola pública estadual. Já quando analisado os alunos do ensino EJA/CEJA/SUPLETIVO, constata-se que maioria dos alunos cursou o CEJA estadual, e apenas 17% cursaram o supletivo.

4.2 SE O ALUNO FALA OU NÃO ONDE FEZ O ENSINO MÉDIO

A próxima pergunta questionou se o aluno se sente a vontade ou não em falar onde cursaram o ensino médio.

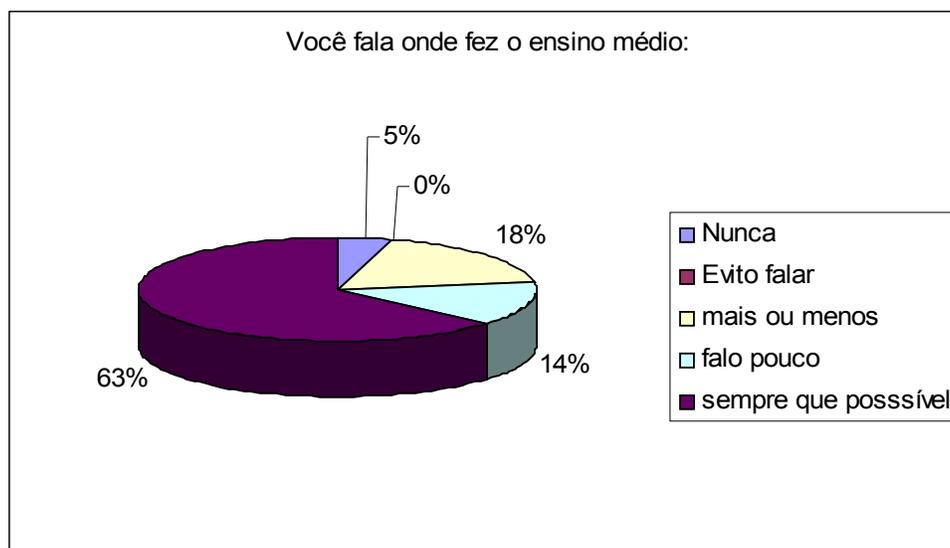


Gráfico 3 - Sobre onde fez o ensino médio / ensino médio regular.
 Fonte: Elaborado pela autora.

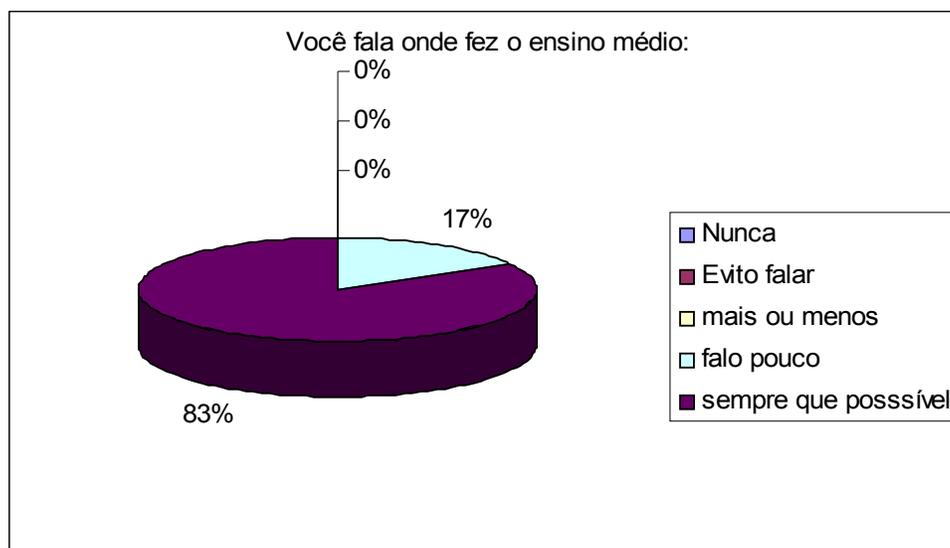


Gráfico 4 - Sobre onde fez o ensino médio / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.
 Fonte: Elaborado pela autora.

Avaliando-se ambos os gráficos (Gráfico 4 e 5) sobre a opção do aluno de falar ou não onde cursou o ensino médio, nas duas modalidades de ensino, percebe-se que a maioria dos alunos (63%) do ensino regular, não vê problemas e fala sempre que possível onde cursou o ensino médio. No entanto, o restante, cerca de 37%, possui certo receio em fazer tal declaração. Fazendo-se uma análise dos alunos que cursaram o ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO,

constata-se que é ainda maior o número de alunos (83%) que não apresenta restrição em declarar onde cursou o ensino médio.

Em relação à satisfação pessoal dos alunos que cursam o CEJA de Araranguá, uma pessoa do núcleo pedagógico em depoimento, considera que esteja fortemente relacionado com as atividades que a escola desenvolve com os alunos, sendo atividades variadas como: festa junina, gincanas, baile dançante, bingos e etc. Assim, os professores estão trabalhando da mesma forma que se trabalha em uma escola de ensino regular.

Desta maneira, pode-se observar que a auto estima dos alunos está sendo cada vez mais valorizada e que o preconceito é algo que passa despercebido. Também se sabe que alguns professores do CEJA cursaram o PROEJA no Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá. Com isto, entende-se que a visão em relação aos alunos do CEJA de Araranguá está mudando cada vez mais, e o mais importante, para melhor.

4.3 SATISFAÇÃO PESSOAL EM RELAÇÃO AO ENSINO MÉDIO

Quando questionados os alunos sobre sua satisfação pessoal em relação ao ensino que obteve, deixa-se subentendido a idéia de preconceito, se o mesmo sofreu alguma coisa do tipo, ou se sente prejudicado por tal condição.

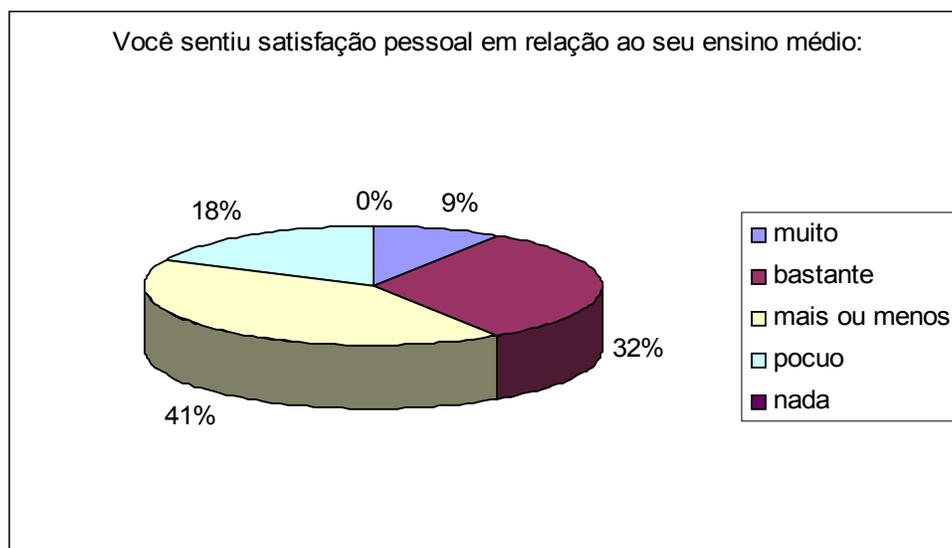


Gráfico 5 - Satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio / ensino médio regular.

Fonte: Elaborado pela autora.

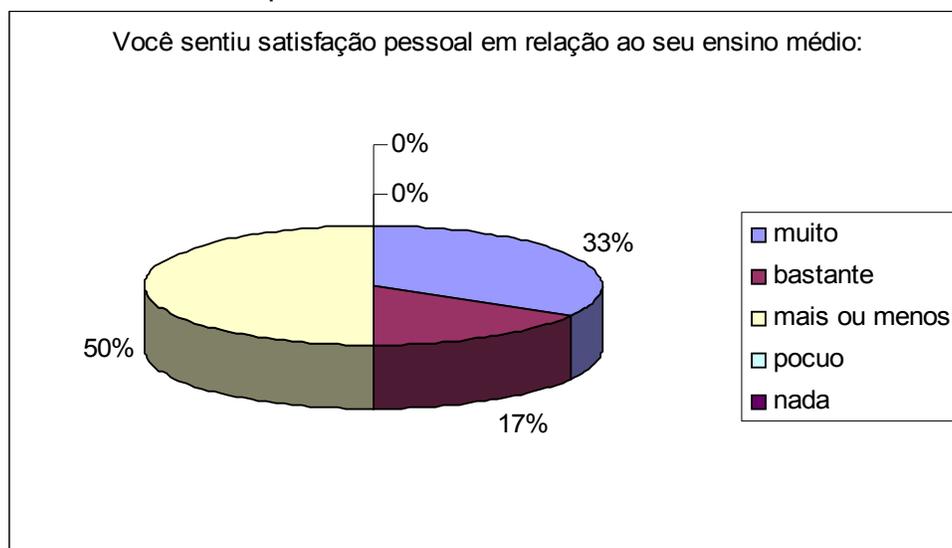


Gráfico 6 - Satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio do Gráfico 5, pode-se perceber que a maioria, no entanto menos da metade (41%) dos alunos que cursaram o ensino médio no regime de ensino regular, é mais ou menos satisfeito com essa situação, e que somadas as satisfações de muito e bastante se tem também 41% dos entrevistados, podendo-

se utilizar como parâmetro de desempate os alunos que sentem pouca satisfação em terem cursado o ensino médio em ensino regular (18%).

Quando avaliados os alunos que cursaram o ensino médio em ensino EJA/CEJA/SUPLETIVO, por meio do Gráfico 6, observa-se uma maior satisfação por parte dos alunos, cerca de 50% declaram muito ou bastante, e os outros 50% dizem estarem mais ou menos satisfeitos com sua situação.

Esses resultados mostram-se um pouco contraditórios com a maioria da bibliografia que trata do preconceito sofrido pelos alunos PROEJA. Diante disto, apresenta-se um depoimento de um aluno que ainda cursa o CEJA. Quando questionado, informou que gosta de estudar no CEJA Araranguá. Ele percebe que os professores gostam de dar aula ali, que tem e participa das atividades extras como o jantar dançante realizado este ano. Ele conta que faltam duas matérias para concluir o ensino médio, e se sente motivado a continuar os estudos e até pensa em fazer um curso técnico no Instituto Federal.

Quando perguntado diretamente sobre o preconceito, ele fala da receptividade negativa das pessoas quando ele fala que faz o CEJA, que modificam o tratamento e são preconceituosos, tratando-o dali por diante de forma pejorativa e preconceituosa. Mesmo assim, ele fala que estuda no CEJA, tem orgulho de ter voltado a estudar e se sente motivado. Rindo, conclui que tem até um lanchinho, evidenciando o prazer que tem em ter voltado a estudar. Outro aluno do Curso Técnico responde com brilho no olhar do quanto foi gratificante fazer a EJA.

4.4 SE FALA ONDE FAZ O ENSINO TÉCNICO

Questionou-se aos alunos, se os mesmos falam ou não onde cursam o ensino técnico. Vale lembrar que o objetivo principal deste questionamento não é relacionado ao ensino técnico, mas sim o preconceito em ter cursado o ensino médio na EJA. Contudo este questionamento pode auxiliar em tomadas de

decisões dos futuros cursos do campus Araranguá e saber se há diferença de afinidade com a escola dos alunos que vem do ensino médio regular e da EJA.

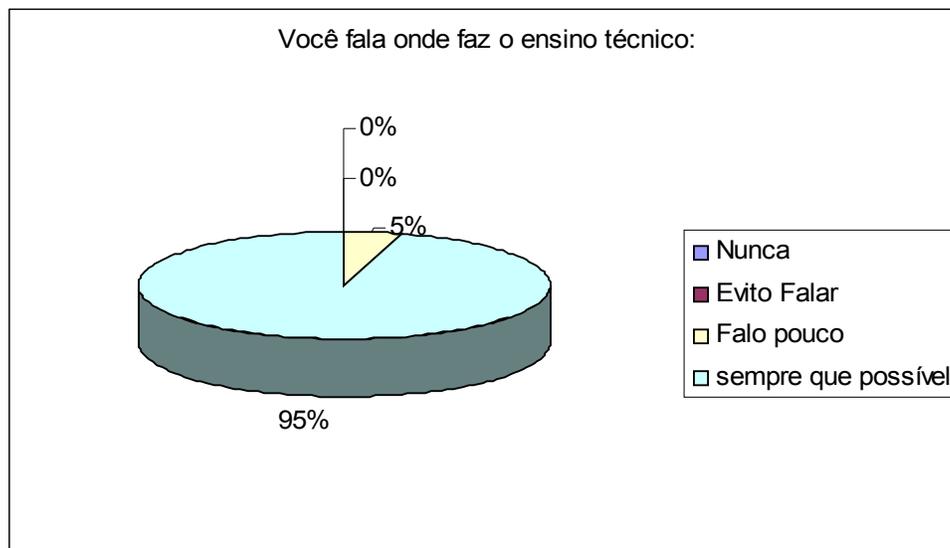


Gráfico 7 - Sobre se fala onde cursa o ensino técnico / ensino médio regular.
Fonte: Elaborado pela autora.

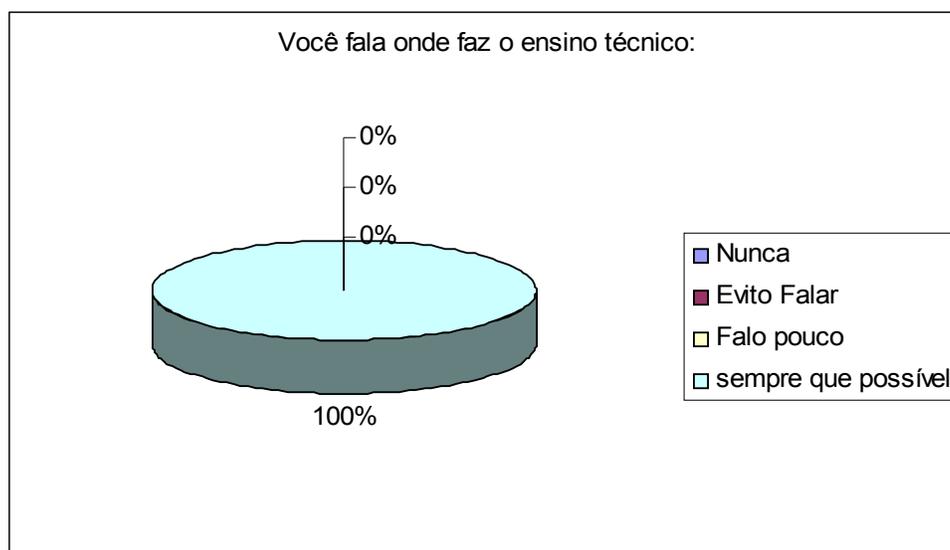


Gráfico 8 - Sobre se fala onde cursa o ensino técnico / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETICO.
Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando-se em conjunto os Gráficos 7 e 8, percebe-se que tanto os alunos que cursaram o ensino médio em ensino regular, quanto os que cursaram

em ensino EJA/CEJA/SUPLETIVO, a maioria do primeiro (95%) e todos do segundo falam sempre que possível onde cursa o ensino técnico.

4.5 SATISFAÇÃO PESSOAL EM RELAÇÃO A ESCOLA ONDE CURSA O ENSINO TÉCNICO

Ao avaliar a satisfação pessoal dos alunos em relação a escola onde cursam o ensino técnico, tem-se os resultados apresentados nos Gráficos 9 e 10:

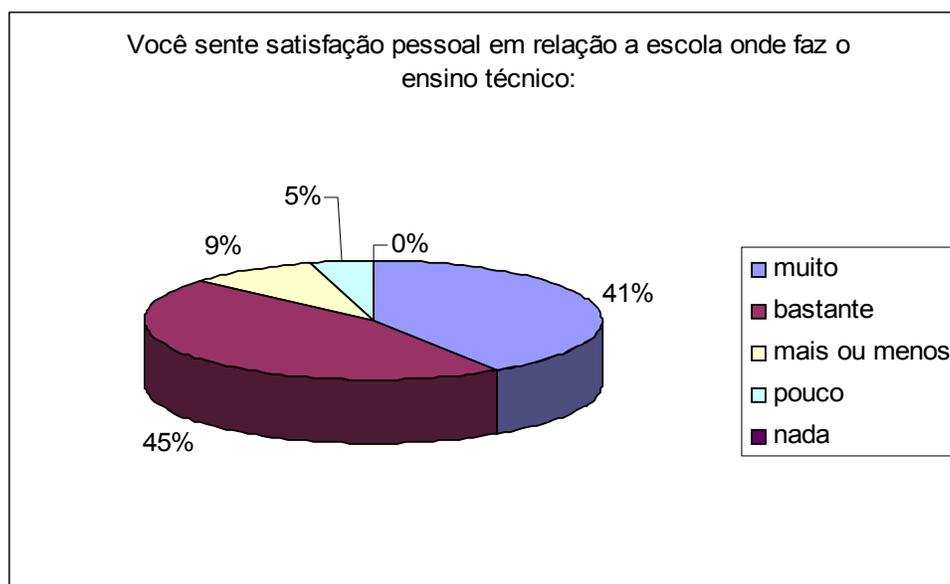


Gráfico 9 - Satisfação pessoal em relação a escola onde cursa o ensino técnico / ensino médio regular.

Fonte: Elaborado pela autora.

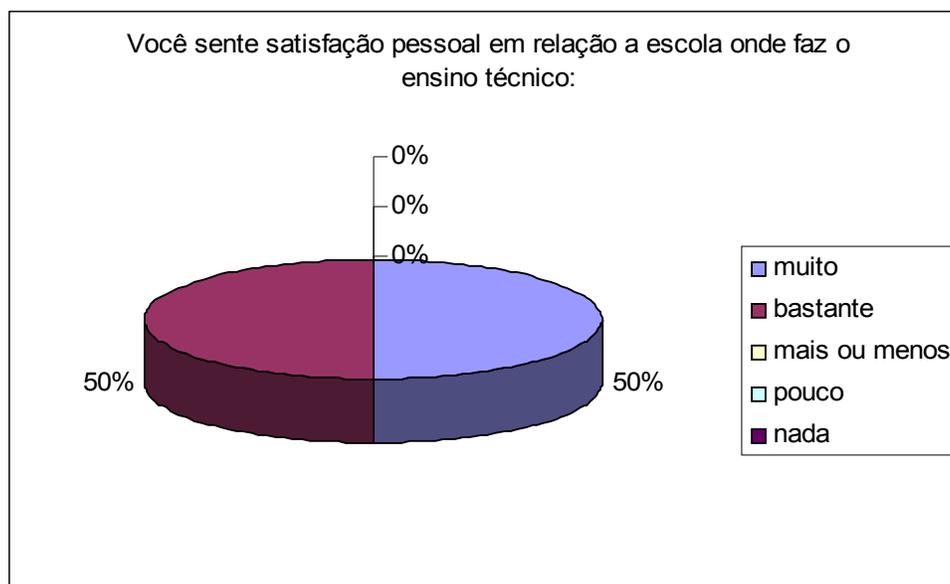


Gráfico 10 - Satisfação pessoal em relação a escola onde cursa o ensino técnico / ensino médio EJA/CEJA/SUPLETIVO.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os alunos que cursaram o ensino médio em ensino regular (Gráfico 9), demonstram 86% de muita ou bastante satisfação em relação ao curso técnico que faz, contra apenas 14% dos alunos que se sentem mais ou menos, ou pouco satisfeito com sua situação.

Em contra partida, 100% dos alunos que cursaram o ensino médio em EJA/CEJA/SUPLETIVO (Gráfico 10), sentem-se muito ou bastante satisfeito pessoalmente com relação a escola onde cursa o ensino técnico.

4.6 SE TERIA MAIS SATISFAÇÃO PESSOAL EM CURSAR O ENSINO MÉDIO NO PROEJA

Questiona-se aos alunos se teriam mais satisfação pessoal, se o mesmo tivesse cursado seu ensino médio no PROEJA, e têm-se os resultados apresentados nos Gráficos 11 e 12.

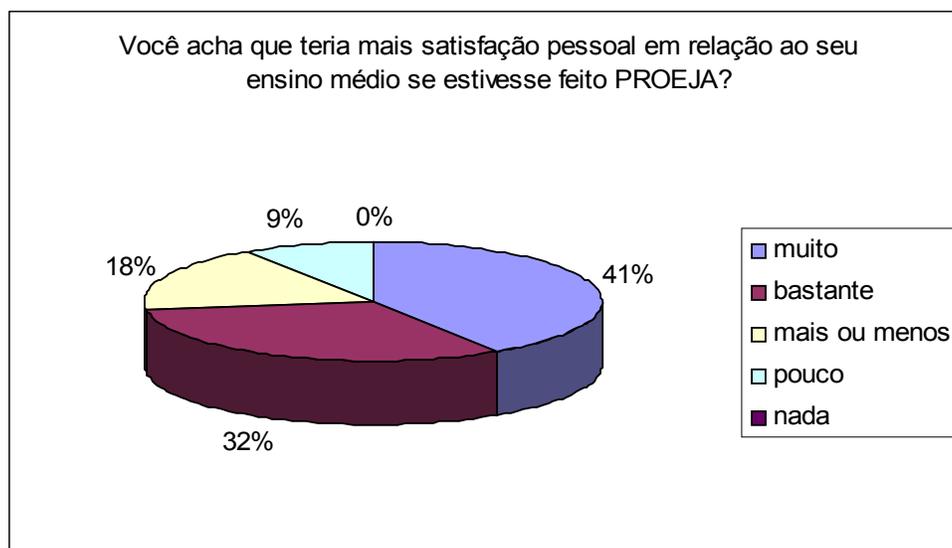


Gráfico 11 - Satisfação pessoal se tivesse cursado o ensino médio em escola PROEJA / ensino médio regular.

Fonte: Elaborado pela autora.

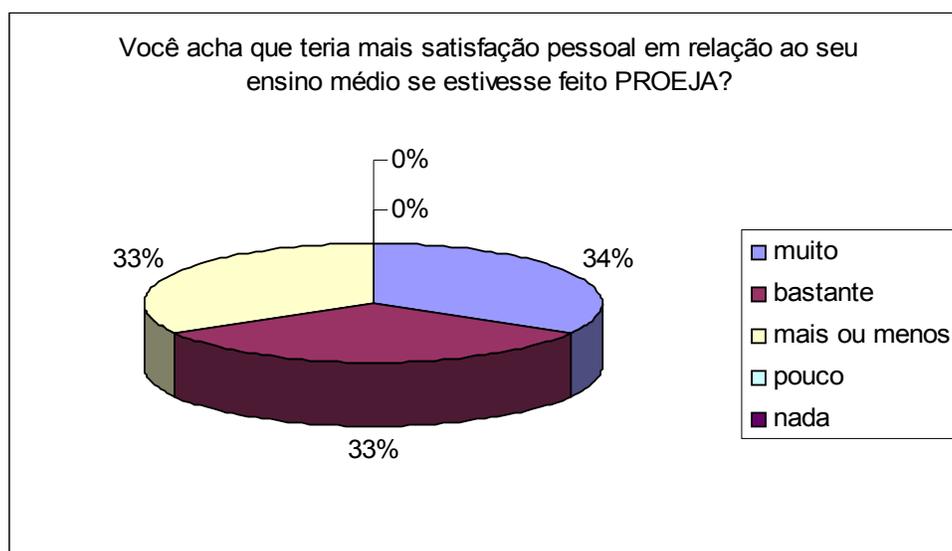


Gráfico 12 - Satisfação pessoal se tivesse cursado o ensino médio em escola PROEJA / ensino médio EJA/CEJA-SUPLETIVO.

Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 11, os alunos que cursaram o ensino médio em ensino regular declaram que a maioria (73%) dos alunos se sentiria muito ou bastante satisfeitos em cursar o ensino médio no PROEJA. Já no Gráfico 12, este número é um pouco menor, quando questionados aos alunos que cursaram ensino médio em EJA/CEJA-SUPLETIVO se sentiriam satisfeitos pessoalmente se tivessem

cursado o ensino médio em escola PROEJA, 67% responderam que tal satisfação seria muito ou bastante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da realização de uma revisão bibliográfica, sobre os mais diversos assuntos que integram o tema abordado por este trabalho, pode-se perceber que a educação promovida pelo EJA e PROEJA é realmente destinada àqueles que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos em idade própria, convencionalizada pela sociedade, defendido por lei. No entanto, como se trata de uma modalidade educacional diferente da tradicional, a mesma gera, na maioria das vezes, preconceitos sofridos por parte de quem pretende concluir seus estudos com idade mais avançada.

Protegido por lei, sabe-se que hoje inúmeros são os benefícios proporcionados ao aluno que inicia sua educação do PROEJA, sendo esse um sistema que veio para diminuir dívidas registradas historicamente. Com isso, é fácil perceber que, apesar do advento do preconceito, ainda assim inúmeros são os benefícios que essa modalidade de ensino tem prestado aos alunos que fazem o uso dela.

No entanto, é válido lembrar que os alunos do PROEJA são aqueles que já possuem naturalmente uma carga de conhecimento proporcionada pela vida, e que tal conhecimento não pode ser tratado como dispensável, e sim como algo que vem a enriquecer a relação entre o aluno e o professor, tornando-se esta uma experiência vantajosa para ambas as partes, tanto o aluno, quando o professor do PROEJA.

Ao deparar-se com os resultados obtidos através da aplicação dos questionários, percebe-se que a realidade vivenciada por estes alunos não é tão ruim, em relação ao preconceito, quanto parece. Pois quando questionados sobre sua satisfação pessoal em relação a alternativas que proporcionaram ou viessem

a proporcionar um estudo na modalidade de ensino não tradicional (PROEJA), a maioria dos alunos passaram a idéia de que são ou seriam satisfeitos pessoalmente com essa alternativa, sem demonstrar uma carga muito grande de preconceitos com relação a este assunto.

Se for a mentalidade dos jovens e adultos que hoje iniciam seus estudos tardiamente que mudou, ou se é a sociedade em si que vê com outros olhos aqueles que buscam, mesmo que não no estudo tradicional, concluir seus estudos, ainda não se sabe ao certo. Porém, comparando-se os relatos da literatura com a pesquisa feita, observa-se que ocorrem divergências entre ambas.

Para tanto, este trabalho abre portas para pesquisas que se aprofundem no assunto, e possam realmente concluir com mais clareza o que passam os alunos do PROEJA hoje. E se o preconceito descrito na literatura ainda é praticado, ou se o mesmo passou por mudanças. Pois, é mais provável que a satisfação pessoal de ter voltado a estudar supere a perspectiva negativa da outra pessoa sobre o assunto, como relatado pelo aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 12. janeiro 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC, 1998. Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 12 janeiro 2009.

DI PIERRO, Maria Clara. **Educação de jovens e adultos: pensamento, políticas e práticas.** Disponível em: <<http://sistemas1.usp.br>>. Acesso em: 13 janeiro 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças.** 10^a ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

FREIRE, Paulo; Betto, Frei. **Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.** 7^a ed. São Paulo: Ática, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 27^a ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 5^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GEVAERD, Esterzinha A.; Oliveira, Sidnei Dias de. **PROEJA – O aluno.** 1^a ed. Florianópolis: Publicação do IF-SC, 2009.

HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos.** Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas>>. Acesso em: 12 janeiro 2009.

MACEDO, Poliana Fernandes de. **Um olhar sobre a EJA.** Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br>>. Acesso em 13 de janeiro de 2009.

MARTINS, Ana Rita. Pelo direito de saber ler e escrever. **Nova Escola.** Ano XXV, nº 235, 2010.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira.** São Paulo: Edições, Loyola, 1973.

Pascoali xx

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola:** o transitório e o permanente na educação. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À AMOSTRA

Prezado (a) discente,

Precisamos identificar a problemática dos alunos, perante o preconceito sofrido por eles. Para isso, solicitamos que responda com seriedade o questionário abaixo. É importante ressaltar que esta pesquisa é referente ao **curso de pós-graduação lato sensu especialização em educação profissional integrada à educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos e será publicada através de uma monografia.**

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 3º MÓDULO DO CURSO TÉCNICO EM ELETROMECÂNICA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA.

Qual modalidade de ensino médio você frequentou:

- () EJA municipal
- () CEJA estadual
- () Teleaula
- () supletivo
- () Ensino regular na escola pública estadual
- () Ensino regular em escola particular
- () Outros. Quais?

Você fala onde você fez o ensino médio:

- () Nunca
- () Evito falar
- () Mais ou menos
- () Fala pouco
- () Sempre que possível

Você sentiu satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio:

- () Muito
- () Bastante
- () Mais ou menos
- () Pouco
- () Nada

Você fala onde você fez o ensino técnico:

-)Nunca
-)Evito falar
-)Mais ou menos
-)Fala pouco
-)Sempre que possível

Você sente satisfação pessoal em relação a escola onde faz o ensino técnico:

-)Muito
-)Bastante
-)Mais ou menos
-)Pouco
-)Nada

Você acha que teria mais satisfação pessoal em relação ao seu ensino médio se tivesse feito PROEJA:

-)Muito
-)Bastante
-)Mais ou menos
-)Pouco
-)Nada